

DOI: 10.12957/transversos.2023.76497

GUIA DE TURISMO RODOVIÁRIO DO RIO GRANDE DO SUL – 1952: UMA JANELA PARA COMPREENSÃO DO TURISMO NO ESTADO

RIO GRANDE DO SUL ROAD TOURISM GUIDE – 1952: A WINDOW FOR THE UNDERSTANDING OF TOURISM AT BRAZIL'S SOUTHERN MOST STATE

Maurício Ragagnin Pimentel

Universidade Federal de Pelotas

mauricioragagnin@gmail.com

Dalila Hallal

Universidade Federal de Pelotas

dalilahallal@gmail.com

Dalila Müller

Universidade Federal de Pelotas

dalilam2011@gmail.com

Resumo:

Este artigo analisa a narrativa sobre o turismo, a figura do turista, bem como a justificativa de sua inserção na agenda pública em textos presentes no Guia de Turismo Rodoviário do Rio Grande do Sul de 1952, publicado pela Publicitária Riograndense. Partindo da noção de documento/monumento (LE GOFF, 1984), analisamos as condições de produção da obra e suas especificidades. Os textos analisados apresentam um esforço em consolidar o turismo como uma alavanca de desenvolvimento do Brasil e especificamente do Rio Grande do Sul, em um vínculo entre expansão do turismo e expansão do modal rodoviário. Outro ponto marcante é a ideia do turismo como elemento civilizatório.

Abstract

This article seeks to analyze the narrative about tourism, the tourist, as well as the reasoning for its presence in the public agenda in articles presented at the 1952 “Guia de Turismo Rodoviário do Rio Grande do Sul”, published by 'Publicitária Riograndense'. Starting from the notion of document/monument (LE GOFF, 1984), we analyze the production conditions of the work and its specificities. The analyzed texts present an effort to consolidate tourism as a tool for development in Brazil and specifically in Rio Grande do Sul. There is a link between tourism and road transport expansion. Another highlight in the idea of tourism as a civilizatory element.

Palavras-Chave: História do Turismo; Rio Grande do Sul; Guias Turísticos; Rodoviarismo.

Keywords: History of Tourism; Rio Grande do Sul; Tourism Guides, Automobilities.

1. Introdução

Nas últimas décadas, houve significativo avanço no contexto acadêmico no que se refere à consolidação do campo da história do turismo no Brasil. Muitos têm sido os esforços para analisar o turismo tanto em uma perspectiva historiográfica mais tradicional, quanto às possibilidades de uma (re)escrita decolonial e pública da história do turismo. Historicizar o presente, o passado, ampliar as possibilidades epistêmicas, metodológicas e teóricas do turismo, estruturam movimentos na história recente, no intuito incorporar novos conhecimentos, instituições, práticas e *habitus* vivenciados no campo do turismo.

A escrita da história do turismo no Rio Grande do Sul vem ganhando relevância em vários artigos científicos, inclusive com o esforço do grupo de pesquisadores da área já consolidada de História e Turismo no Brasil (ANPTUR e ANPUH), porém, ainda há muitos aspectos a serem pesquisados. Dão sequência à clássica obra organizada por Hilda Flores (FLORES, 1993): “Turismo no RS. 50 anos de pioneirismo no Brasil”. Além dessa há outro livro, intitulado “Dois pioneiros da comunicação no Rio Grande do Sul: Oswaldo Goidanich, Roberto Eduardo Xavier” (HOHLFELDT; VALLES, 2008), que aborda a relação dessas personalidades com o turismo no Estado.

Várias fontes ainda não foram exploradas em todo seu potencial para a escrita da história do turismo no Rio Grande do Sul, como os guias turísticos, que têm se alçado à condição de documentos relevantes para a história e memória do turismo. Castro (2006) destaca que no início do século XX surgem os primeiros guias turísticos no Brasil, com foco nas cidades, os quais produzem um referencial turístico no imaginário das pessoas. Os guias de turismo são “dispositivos de comunicação que só podem aparecer quando certas condições sócio-históricas estão presentes” (MAINGUENEAU, 2011: p. 61). Essas condições, ligadas à própria invenção do turismo (BOYER, 2003), permitiram o surgimento dos guias como gênero de discurso autônomo, criado a partir de diferentes campos discursivos como a pedagogia e os almanaques. Ao propor uma geo-história do turismo a partir da análise de guias de turismo, Antonescu & Stock (2014) indicam que este tipo de documento permite reconhecer o momento em que “a função turística de um local é confirmada”, pois há “o reconhecimento, por uma configuração constituída por turistas, editores e redatores de um local como sendo turístico” (ANTONESCU & STOCK, 2014: p. 5). Assim, os guias turísticos possibilitam “historicizar o Turismo e reconstruir a maneira como o espaço turístico foi imaginado em um dado momento. Trata-se de julgamentos sobre os

locais geográficos que são contingentes, mas não arbitrários, e que mudam ao longo do tempo.” (ANTONESCU & STOCK, 2014: p. 7).

Considera-se que essas publicações cristalizam um emaranhado de materialidades, discurso social, tecnologia, práticas e atores (FRANKLIN, 2004) que lhe originaram. São como uma caixa preta, plasmada certa concepção de turismo resultante da estabilização momentânea da arena de diversos atores que participaram em sua elaboração. Para além do texto, é preciso ainda considerar que os guias turísticos são um projeto editorial, que exige investimento financeiro em pesquisa e atualização de informações.

O Guia de Turismo Rodoviário do Rio Grande do Sul de 1952, editado pela Publicitária Rio Grandense (PRIDA), ao produzir um registro do presente, projetava para o futuro uma imagem do turismo no Estado. Trata-se de uma seleção de textos, imagens, mapas, destinos turísticos, que narram um passado específico, trazendo preocupações e interesses do seu tempo. O Guia é tomado aqui como um documento/momento, possibilitando refletir sobre o que se compreendia como turismo naquele contexto, pois:

O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, das sociedades que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados, desmitificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. [...] porque um monumento é em primeiro lugar uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem. É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos. (LE GOFF, 1984: p. 103-104).

Na publicação analisada se misturam diferentes intencionalidades. Percebe-se que visa diferentes objetivos: divulgar o estado e seus atrativos turísticos; para cumprir esse fim cabia sistematizar o que há para ser visto; promover o interesse pela prática do turismo, particularmente o rodoviarismo; defender a importância do turismo na agenda pública; promover conhecimento sobre as iniciativas e políticas adotadas na promoção do turismo no Estado; ser veículo de reconhecimento e difusão dos anunciantes ligados ao turismo enquanto causa a ser apoiada.

Assim, nosso objetivo é analisar a narrativa sobre o turismo, sobre a figura do turista, bem como sobre a justificativa de sua inserção na agenda pública a partir de textos Guia de Turismo Rodoviário do Rio Grande do Sul de 1952. Especificamente, busca-se verificar o posicionamento em relação ao que é entendido por turismo e quais aspectos do turismo no Rio

Grande do Sul são apresentados e discutidos.

O Guia de 1952¹, descrito a seção seguinte, parte do acervo privado dos autores. Foi o segundo guia editado pela empresa, sendo o primeiro no ano anterior. Na década de 1940, foram editados dois guias turísticos do Rio Grande do Sul. Em 1941 o Touring Club editou o “Guia de Turismo do Rio Grande do Sul” com o slogan “Onde vamos veraneiar?”, impresso pela Sociedade Nacional de Publicidade de Porto Alegre, ligada à publicidade oficial do governo, e, em 1943 a Viação Férrea do RS publicou e as Oficinas Gráficas da Livraria do Globo imprimiu o “Guia Oficial de Turismo da Viação Férrea do Rio Grande do Sul”, com os principais pontos de veraneio e turismo do Estado (VALDUGA, 2011: p. 137-8).

Após essa segunda edição, não identificamos outro guia editado pela empresa Publicitária Rio Grandense, o que nos leva a concluir que apenas duas edições foram elaboradas. O seguinte guia encontrado editado no Rio Grande do Sul foi em 1955, organizado por Oswaldo Goidanich, pelo Touring Club do Brasil - Seção Sul e publicado pela Livraria do Globo.

Para esta análise, em um primeiro momento buscamos descrever o Guia enquanto documento e interpretar o contexto em que foi criado. Para isso, além das informações ali presentes que falam sobre o processo de edição, buscamos apoio na imprensa e na literatura acadêmica sobre História do Turismo.

Em um segundo momento, a partir de uma leitura preliminar identificamos textos que abordam o turismo no Estado de forma ampla, não selecionamos aqueles que se referem especificamente à capital ou a qualquer outra cidade do Estado. Desse modo, cinco textos são analisados: 1) “O turismo no Brasil e as Reflexões de Marcel Proust”, de Archibaldo Severo (p. 5-7); 2) “O grito oficial de turismo”, por L. Romanowski (p. 35); 3) “Praias do Guaíba - do Atlântico - Regiões de Montanha - Estâncias Termas e Cidades de Turismo” (p. 18); 4) “Incentivo ao turismo”, da Folha da Tarde, março de 1951 (p. 45); e, 5) “Turismo e Hotéis”, Diário de Notícias, março de 1951 (p. 48).

Realizada a seleção, buscamos informações sobre os autores - para aqueles assinados - e sua relação com o turismo. Além disso, buscou-se um interpretar os significados atribuídos aos significantes 'turismo' e 'turista', particularmente quando se trata desta prática situada no Rio Grande do Sul. Para isso, foi importante a triangulação da fonte com a literatura que trata sobre

¹ O Guia de Turismo Rodoviário do Rio Grande do Sul de 1952 está disponível para consulta na Biblioteca Rio-Grandense, em Rio Grande - RS (Reg. nº 113.062.17.305; Localização: SSIE5P5).

História do Turismo. Neste sentido, exercita-se a apropriação das palavras de outras vozes para compreender melhor os textos analisados. Assim, a análise textual no exercício da escrita teve seu fundamento enquanto ferramenta mediadora, um movimento de interpretação e produção de argumentos, na produção de significados. Nas citações, mantemos a grafia original dos documentos analisados.

2. O documento Guia Turístico Rodoviário do Rio Grande do Sul – 1952

O trabalho versa sobre a segunda edição do “Guia de Turismo Rodoviário do Rio Grande do Sul”. A primeira, editada em 1951, com o mesmo nome, constituiu-se em “fonte de consulta das mais amplas para os que desejam fazer turismo, para todos os que viajam.”, pois, apresenta “sínteses históricas e geográficas dos municípios gaúchos, bem como ilustrações mostrando os lugares mais belos e pitorescos do nosso Estado. Oferece, também, mapas dos mais completos indicando vias de acesso, quilometragem, etc., além de horários dos trens e ônibus que atendem a todas as linhas do Rio Grande do Sul.” (Á ÉPOCA, 18.03.1951: p. 8).

O segundo ano do “Guia de Turismo Rodoviário do Rio Grande do Sul” foi resultado da “surpreendente aceitação que teve” o de 1951, cuja edição foi esgotada nos primeiros seis meses de circulação (PRIDA, 1952: p. 3). Assim, o ora analisado Guia para o ano de 1952, “bem melhorado”, mas “ainda não completo”, seria “útil à [sic] todos e especialmente ao Estado que recém se alerta para a incrementação [sic] do turismo” (PRIDA, 1952: p. 3).

O editor destaca o “grupo de dedicados amigos que tão eficiente e dedicadamente cooperaram conosco, fornecendo-nos dados, escrevendo artigos e publicando anúncios” (PRIDA, 1952: p. 3), ou seja, nos sugere que o guia foi um projeto coletivo.

Os textos são de escritores, engenheiros, principalmente do DAER (Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem), outros são jornalísticos e outros, ainda, são informações e textos encaminhados pelos municípios. Assim dizendo, o Guia é formado por vários discursos, mas que refletem um mesmo objetivo, de mostrar a situação atual do Estado e enaltecer os feitos relacionados ao turismo.

As cidades gaúchas enviaram informações sobre seus municípios (presentes na 3ª parte do Guia) como informações gerais e informações de interesse turístico. Percebemos que tem informações comuns a todos municípios, mas, alguns deles, enriqueceram sua parte com textos, imagens e inclusive mapas, como o Mapa Turístico de São Leopoldo. Cabe notar aqui o esforço

em denotar uma intencionalidade turística sobre seu território, transformando-o em possível objeto para o 'olhar do turista' (URRY, 2001).

Muitas vezes, a criação de um guia turístico é entendida como uma ação de uma instituição pública interessada na promoção e difusão de seus atrativos e patrimônio. Entretanto, é interessante considerar algumas particularidades do “Guia Rodoviário do Rio Grande do Sul de 1952” frente ao gênero texto ‘guias de turismo’. Um primeiro aspecto é que ele é produzido localmente, ou seja, a partir do destino que está promovendo. Isso o difere das séries editoriais de uma mesma casa sobre diferentes destinos - a exemplo dos antigos Baedeker, Murray, Joanes, ou dos modernos Michelin, Lonely Planet, DK Visual Guides - e que têm seus compatriotas como público destinatário e o apelo de especialistas em viagem buscando decodificar e apresentar terras distantes.

O Guia de 1952 foi editado pela empresa Publicitária Rio Grandense e impresso nas Oficinas Gráficas da Casa Publicadora Concórdia e os Clichés da Fotogravura da Tipografia Mercantil. O Guia foi vendido por Cr\$ 30,00 e estava disponível na Exprinter, Agência Central da Viação Férrea, Aeroporto Federal, Estação Rodoviária, Casa Publicadora Concórdia, Tipografia Mercantil, Livraria Schapke, Stands do Abrigo da Praça 15 e em todas as Estações Rodoviárias do interior do Estado.

O Guia de 1952 foi editado pela empresa Publicitária Rio Grandense² e impresso nas Oficinas Gráficas da Casa Publicadora Concórdia e os Clichés da Fotogravura da Tipografia Mercantil. O Guia foi vendido por Cr\$ 30,00 e estava disponível na Exprinter, Agência Central da Viação Férrea, Aeroporto Federal, Estação Rodoviária, Casa Publicadora Concórdia, Tipografia Mercantil, Livraria Schapke, Stands do Abrigo da Praça 15 e em todas as Estações Rodoviárias do interior do Estado.

Figura 1 – Partes do Guia de Turismo Rodoviário do Rio Grande do Sul – 1952.

² Não conseguimos obter informações sobre a empresa publicitária. Sabemos que era uma empresa de Porto Alegre, cujo diretor era Arthur Cabral e que possuía representantes em outras cidades, como Urbano Marietti em Caxias do Sul, gerente da Estação Rodoviária da cidade (O Pioneiro, 17.05.1952, p. 8; A Época, 15.05.1952, p. 70).

Partes	Conteúdo
1ª PARTE – O Estado do Rio Grande do Sul (p. 8 – 21).	Resumo dos transportes rodoviários do Estado; situação geográfica; superfície; posição e altitude das sedes municipais extremas; limites; população; clima; recursos naturais; recursos econômicos; Plano de Eletrificação do Estado; principais pontos de veraneio e turismo; esportes e roteiros. [Traz um mapa da Divisão Fisiográfica do Rio Grande do Sul – 25,5 x 23,5 cm].
2ª PARTE – Porto Alegre A Capital do Estado (p. 22 – 143).	Clima; População; Superfície; Altitude; Zonas de Turismo; Ilustrações sobre a Capital; Parques e Praças; Monumentos e Esquema da Parte mais Central Indicando a Localização de Agências de Viagens, Bancos, Hotéis, Imprensa, Repartições, Restaurantes, Rádio-Emissoras; Praças; Teatros; Etc. e os Pontos de Saída por Rodovia para o Interior do Estado (Av. Farrapos e Barcas); Tabela de Preços dos Automóveis de Aluguel e Ruas da Capital. [Apresenta um mapa da área central de Porto Alegre – 25,5 x 23,5 cm].
3ª PARTE – Descreve todos os municípios do Rio Grande do Sul, com informações de valor turístico e de interesse geral (p. 144 – 276).	Superfície; Limites; População; Clima; Produção; Região; Altitude; Indústrias; Distância da Capital por Rodovia; Bancos; Meios de Transportes; Esportes; Atrações Turísticas; etc. [Apresenta um mapa do Plano Geral Rodoviário do Rio Grande do Sul – 25,5 x 26 cm].
4ª PARTE – Informações Gerais (p. 277-330).	Informações sobre a localização na capital do Estado de: Agências de Turismo e Viagens; Automóveis de Aluguel; Estabelecimentos Bancários; Bibliotecas; Bilhares; Boites; Cabarets e Dancings; Casas de Câmbio; Confeitarias; Consulados; Churrascarias; Cinemas e Teatros; Galerias de Arte; Garages; Hospitais; Imprensa; Institutos Culturais; Igrejas; Joalherias; Pensões Elegantes; Restaurantes; Transportes Urbanos e Sub-Urbanos; Ferroviários; Aéreos e Fluvial; Telefones de Urgência; Telegramas; Fonogramas e Radiogramas; Tarifas de Balsas; Tarifas postais e Telegráficas; Horário das Barcas; Repartições Públicas Federais, Estaduais e Municipais; Linhas Regulares de Ônibus para todo o Estado; Relação dos Melhores Hotéis do Rio Grande do Sul; Principais Ruas da Capital, etc.

Fonte: elaborado pelos autores com base em Guia de Turismo Rodoviário do Rio Grande do Sul (1952).

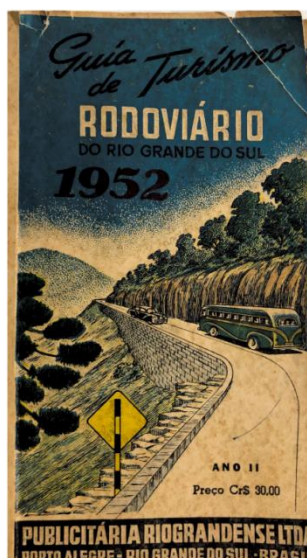
Analisando as páginas do Guia, observamos uma diversificação de assuntos e conteúdos assemelhando-se muito a um almanaque. Alguns assuntos, inclusive, parecem fazer com que o Guia se torne perdurável, como “Curiosidade - Calendário de 1901 a 2000” (p. 33), que “ensina” como identificar o dia da semana que corresponde a determinada data.

Boyer (2003) já apontava que os guias foram criados a partir de diferentes campos discursivos como a pedagogia e os almanaques. Os almanaques, “se tornaram importantes formas de instrução e de propaganda, assumindo, também, vieses temáticos e agregando conteúdos mais variados como aqueles com cunho moralizante, as curiosidades, as poesias, as charadas, os jogos e a medicina doméstica, com objetivo de informar e entreter” (DUTRA, 2005 apud LIMA, 2015: p. 55). Da mesma forma, o Guia analisado, além de informar sobre os atrativos turísticos do Estado (Figura 1), possuía essas características de instruir - os direitos das crianças (p. 42, 188, 224), as línguas faladas no mundo (p. 51), povos adiantados (p. 161-165), pontes notáveis (p. 203), o perigo dos escorpiões (p. 270), e também de entreter, com poesias e crônicas (p. 52, 53, 59, 157...) e aforismos, frases de filósofos e outros pensadores (várias páginas).

Por todo o guia há anúncios, alguns de página inteira, outros de meia página, ou ainda, com apenas uma frase, como por exemplo: “CAXIAS HOTEL – Sua casa, fora de sua casa Caxias do Sul” (p. 20).

Na capa (Figura 2) é ressaltada uma estrada de rodagem pavimentada, com sinalização apropriada, uma obra de engenharia de contenção de encostas na serra para a qual se descortina um panorama emoldurado por uma araucária, um automóvel particular e um coletivo. A imagem parece refletir a estreita ligação entre rodoviarismo e o turismo, que começou a despontar no Brasil com a fundação da Sociedade Brasileira de Turismo, em 1923, alterada para Touring Club do Brasil, em 1926. Silva & Allis (2019: p. 111) ressaltam que “Tanto o turismo quanto o automóvel significavam progresso, algo almejado pela elite política e social”. Podemos constatar que a composição da imagem de capa retrata o progresso que o Rio Grande do Sul buscava, materializado nas obras e nos meios de transporte rodoviários. O transporte coletivo por ônibus estava sendo regulamentado pelo DAER e é objeto de atenção, em contraposição às baldeações, lentidão e desconfortos das viagens ferroviárias. Cabe apontar ainda que a referência de turismo na época era a Suíça, o que condiz com a prática da 'caça de panoramas' (LÖFGREN, 2006) também mencionada ao longo da publicação.

Figura 2 – Capa do Guia de Turismo Rodoviário pelo Rio Grande do Sul, 1952.



Fonte: (Guia de Turismo Rodoviário pelo Rio Grande do Sul, 1952: capa).

Assim, a capa indica o movimento em torno do ideário rodoviarista no Rio Grande do Sul, diretriz de transportes calcada no modal rodoviário. Esse ideário é dado também nos textos do Guia, que ressaltam os transportes rodoviários e as estradas do Estado.

No início da década de 1950, com o reconhecimento rodoviário como modalidade prioritária de transporte no Brasil, intensifica-se o movimento do rodoviarismo, com grandes investimentos nas atividades de construção de estradas para atender às necessidades de desenvolvimento do país. A manifestação do rodoviarismo “se encontrava latente desde o início do século com a realização do Primeiro Congresso Nacional de Estradas de Rodagem em 1916” e visava a “defesa dos interesses específicos de entidades ligadas direta ou indiretamente ao setor rodoviário.” (ACCORSI, 1996: p. 20). De Paula (2010: p.144) reforça que:

[...] o rodoviarismo significou a ascensão de uma camada da burguesia nacional às arenas decisórias do setor de obras públicas, por meio da crescente intervenção nas estruturas estatais, principalmente do DNER e dos DERs (Departamento Nacional de Estradas de Rodagem e Departamento de Estradas de Rodagem, respectivamente), pregando a sua autonomia frente ao Ministério da Viação e Obras Públicas (depois Ministério dos Transportes) e frente às decisões do Poder Legislativo. Assim, foi se formando uma verdadeira arquitetura político-institucional-clientelista, que solidificava a proposta rodoviária e ao mesmo tempo enfraquecia as demandas ferroviárias. Fruto dessas pressões, o DNER passou por profundas reformas administrativas, ganhando autonomia na implementação das metas rodoviárias.

No Rio Grande do Sul, com a preocupação de oferecer melhores condições de tráfego, engenheiros ligados à Sociedade de Engenharia de Porto Alegre defendiam a criação de um departamento autônomo estadual para construir e conservar rodovias. Com esse propósito,

surge, pela Lei nº 750, de 11 de agosto de 1937, o DAER como autarquia estadual responsável pela gestão do transporte rodoviário do Rio Grande do Sul, vinculada à Secretaria de Estado dos Negócios das Obras Públicas. Estava criado o segundo órgão rodoviário do país. (DAER, 2023)

Em 1938, iniciou-se a sinalização turístico-rodoviária no Estado (FLORES, 1993) e em 1940, o DAER construiu a primeira rodovia pavimentada, ligando Rio Grande ao Cassino – atualmente denominada ERS-734 – com os primeiros equipamentos adquiridos pela autarquia (DAER, 2023).

Flores (1993) relata a inauguração da BR 116 em 1941, com a presença do então presidente da república Getúlio Vargas, ligando Porto Alegre e Caxias do Sul. A nova estrada significou um impulso considerável para o rodoviarismo e para o turismo. “Abriu-se um admirável portão de acesso à região serrana, que iria acordar municípios como Canela e Gramado para o seu potencial turístico” (FLORES, 1993: p. 38).

Nos textos analisados a seguir percebemos o destaque dado aos transportes e às estradas relacionados aos diferentes atrativos turísticos apresentados no Guia.

3. O turismo no Guia de Turismo de 1952

Fazendo uma leitura preliminar do Guia, identificamos, além dos conteúdos já destacados no capítulo anterior, textos sobre turismo no Rio Grande do Sul. Percebemos a preocupação dos editores em selecionar cuidadosamente os textos para compor o Guia. Dois deles com autoria, um sem, dois textos reproduzidos de jornais de Porto Alegre.

O primeiro texto apresentado é “*O turismo no Brasil e as Reflexões de Marcel Proust*”, de Archibaldo Severo³, nas primeiras páginas do Guia (p. 5-7).

Archibaldo possuía uma relação com a atividade turística no Estado: foi “autor de vários trabalhos e estudos sobre a organização e desenvolvimento do turismo no Rio Grande” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 6.07.1958: p. 16); participou da Conferência Internacional de

³ Archibaldo Severo – fazia parte do Comissão Estadual de Turismo - http://memoria.bn.br/pdf/093726/per093726_1958_00106.pdf. Diário de Notícias, 06.07.1958. Escreveu o livro *O Moderno Município Brasileiro*, Editora Thurmman, Porto Alegre, 1946, 193 págs. O livro trata de problemas técnicos relacionados com a organização e administração dos municípios, e inicia-se com um apanhado da evolução histórica do municipalismo brasileiro. Também traduziu, juntamente com A. Reymundo Scheneider, a obra HARNISCH, Wolfgang Hoffmann. *O Rio Grande do Sul, a Terra e o Homem*. Porto Alegre: Globo, 1952. Wolfgang Hoffmann Harnisch, alemão, docente da Universidade de Berlim.

Investimentos, realizada em Belo Horizonte, “na qual foram debatidas diversas teses referentes ao turismo, sua regulamentação e incremento em todo o país” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 6.07.1958: p. 16); e também foi a Montevideu para tratar assuntos ligados ao turismo (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 15.04.1958: p. 15).

O autor inicia o texto ressaltando que: “Não é demais dizer que o turismo já é uma atividade de governo da maioria dos povos civilizados, tanto da Europa, como da Ásia e das Américas. É uma indústria – indústria e cultura ao mesmo tempo – que ocupa uma situação privilegiada no mecanismo administrativo dos poderes públicos por representar certamente todo um conjunto de atividades, interessando a sociedade humana, a cultura e a economia dos países que são visitados por numerosas correntes de turistas.” (SEVERO, 1952: p. 5). Com esse trecho, Archibaldo Severo exprime a narrativa que será abordada no transcurso de todo o texto e demonstra ao leitor como ele interpreta o turismo.

Archibaldo discorre que o turismo é um movimento tipicamente universal e milenar. O autor se reporta a Heródoto, o turista de Halicarnasso, e às cartas de Van Gogh a seu irmão Théo para ilustrar a sua tese, “para justificar o alto interesse [...] que tomaram os governos para organizar e dirigir o turismo, a fim de que possam ser recolhidos todos os benefícios transformadores em rendas públicas, em desenvolvimento dos meios culturais e econômicos, em remodelações das cidades, etc.” (SEVERO, 1952: p. 5).

Em seguida, Archibaldo descreve o conjunto de possibilidades turísticas que oferece o Rio Grande do Sul: praias, serras, estâncias de cura e repouso. Novamente destaca a preocupação dos poderes públicos no Estado, seu pioneirismo, “em querer dar excelente organização no turismo”. “Seremos os primeiros a cuidar, através de um organismo entrosado na administração pública, do que possuímos [...]” (SEVERO, 1952: p. 5).

O Estado oficializa o Turismo em dezembro de 1949, através da aprovação da Lei nº 997, que cria o Conselho Estadual do Turismo (CET) e o Serviço Estadual do Turismo (SETUR), assegurando-lhe a condição pioneira na oficialização do Turismo no Brasil, no nível estadual (FLORES, 1993). Este último, por falta de recursos, naquele momento não se concretizou. Entretanto, após nove anos, em 1959, foi publicado o Decreto Lei nº. 10.470, o qual transferia o Serviço Estadual de Turismo – SETUR da Secretaria de Obras para a Secretaria do Interior e Justiça e ampliava as suas atribuições, dando-lhe estrutura definitiva. Institucionalizava-se o primeiro órgão oficial de fomento ao turismo por um estado da União

(HALLAL, 2010).

Nesse sentido, para Archibaldo o exemplo do Rio Grande do Sul seria seguido por outros estados: “E quando a União adotar seu órgão estatal vai então o Brasil enfrentar a concorrência com países fortemente equipados em suas indústrias, para fazer do turismo um filão de ouro, um verdadeiro dreno das melhores moedas, começando por exportar emoções, sensações de beleza telúrica e deslumbramento” (SEVERO, 1952: p. 6).

Hallal (2010) reconstitui a história do turismo no Rio Grande do Sul e lembra que começou a ser trabalhado mais ordenadamente em 1935, quando instalou-se a Secção do Touring Club do Brasil, com sede em Porto Alegre, com o objetivo de cuidar da recepção, assistência e informação turística aos visitantes nas comemorações do Centenário Farroupilha.

Na década de 1940 o Rio Grande do Sul torna-se um marco para o Turismo, um período de manifestação pública do Estado nas ações direcionadas ao setor. Flores (1993) relata estes momentos, registrando a realização do Congresso de Prefeitos da Região de Caxias do Sul, no final de 1940, quando o Turismo é tema de discussão, tratando das possibilidades turísticas do Estado e o importante papel dos municípios na atração de turistas. A resposta oficial do Estado vem em dezembro de 1941, através da Diretoria das Prefeituras Municipais, manifestando-se favorável aos financiamentos para a construção e aparelhamento de hotéis.

O destaque ao pioneirismo descrito por Archibaldo é compartilhado por Goidanich (1993), quando aponta que a década de 1950 foi histórica para o turismo gaúcho, alcançando este Estado a condição de pioneiro na oficialização do turismo em nível estadual. Alguns estados brasileiros despertaram para a atividade turística e se deslocavam ao sul para aprender com essa experiência.

Utilizando Marcel Proust, que empresta seu nome ao texto, Severo (1952: p. 6) afirma que, historicamente, o povo francês possui “vitórias como derrotas, virtudes como fraquezas”, mas que foi em busca do tempo perdido. Com esse exemplo destaca que “Quantas coisas já perdemos nós aqui no Brasil, por falta de governos úteis ao progresso da nação; quanta riqueza já perdemos por falta de homens de governo, capazes e patrióticos”, ou seja, chama a atenção para a importância da atuação da esfera pública no desenvolvimento do turismo.

Além de enunciar sua “tese” no início, o autor reafirma-a ao fim do texto, e prossegue dizendo:

O turismo, por exemplo, nunca e até hoje não puderam compreendê-lo como a grande indústria explorada por todos os países civilizados, uma fonte perene de grandes

recursos para melhorar os nossos orçamentos deficitários. Até hoje não entenderam que os visitantes estrangeiros, ao pisarem o território nacional, vêm contribuir para o aceleração do mercado interno, para o desenvolvimento das nossas indústrias, dos transportes, das diversões, do comércio, do vestuário, da alimentação, enfim, interessando todas as bases que formam a economia brasileira. (SEVERO, 1952: p. 6).

O texto, em grande parte, foi escrito em tom argumentativo: sugere, propõe, indica, aconselha, preconiza, defendendo, por meio de argumentos e explicações, a ideia do turismo a partir de sua “tese”. O objetivo central parece residir na formação de opinião do leitor, tentando convencer ou persuadir. Não é um texto de fácil entendimento, utiliza termos eruditos, rebuscados. O que de alguma maneira vincula o turismo à alta cultura, uma prática 'civilizatória' que exige capital simbólico.

Para legitimar sua narrativa, Archibaldo utiliza o subterfúgio de chamar autores no intuito de dar maior credibilidade e visibilidade à sua “tese”. Defende o turismo enquanto indústria. O texto parece direcionar-se no sentido de trazer o turismo para agenda pública, a fim de sensibilizar para a necessidade de organização da atividade turística no Estado, direcionando a demanda, ou seja, os turistas estrangeiros.

A partir do olhar de Archibaldo observamos uma narrativa acerca do turismo, evidenciando um esforço para registrar o turismo enquanto indústria, percebido como possibilidade de entrada de divisas no país, que origina receitas para os cofres públicos e produz múltiplos efeitos na economia do país - posição forte no pós-guerra e adoção do padrão ouro-dólar. Chama a atenção dos governos para a necessidade de organização do setor público para a atividade, e sua adoção do turismo como uma “alavanca” para o progresso. O turismo é considerado um “aliado”, “fator de progresso rumo ao mundo civilizado”, que necessita da existência de uma organização. Esta parece ser uma narrativa recorrente, até hoje, em relação ao turismo.

Para reforçar essa ideia, traz como exemplo a ser seguido, a experiência de turismo organizado do país vizinho, a República do Uruguai, que já possui a Comissão Nacional de Turismo.

Archibaldo convoca a todos: “Vamos então nos preocupar com o nosso Rio Grande, procurando seu progresso e a felicidade de seu povo. Vamos explorar essa fonte de recursos que é o turismo [...]”. (SEVERO, 1952: p.7). Enaltece, assim, o aspecto econômico e civilizatório do turismo.

O segundo texto, assinado pelo escritor paranaense L. Romanowski⁴ (p. 35), “O grito oficial de turismo”, inicia destacando a taxa de turismo instituída no Rio Grande do Sul através da Lei nº 1.225, de 20 de novembro de 1950, alterada pelas leis 1.480, de 31 de maio de 1951 e 1.517 de 9 de agosto de 1951 e em vigor. Assim como Severo (1952), o autor também ressalta a importância da participação do poder público no desenvolvimento da atividade turística, seja criando órgãos públicos ou promulgando leis.

As funções da atividade turística para o autor ficam claras no parágrafo: “O turismo, bem dirigido, é uma fonte certa, irrefutável, para tornar um povo conhecido, rico e estimado. Ele proporciona novos negócios, divulga a cultura, cria possibilidades novas para a mais variada expansão industrial e comercial” (ROMANOWSKI, 1952, p. 35). Percebemos que a ideia que Romanowski faz do turismo é muito próxima à de Archibaldo Severo, ressaltando o desenvolvimento econômico.

O autor destaca dois países - a Suíça e o Uruguai - como exemplos que “colocaram à vanguarda seus interesses turísticos” e “gozam de situação privilegiada nos seus padrões econômicos e seus nomes são acatados no mundo inteiro”. Romanowski, como Severo, cita exemplos de outros países para destacar a importância do turismo para a economia, ou seja, os autores querem ressaltar que o turismo, se bem planejado, traz benefícios para a população.

Por último destaca as características do Brasil identificadas desde a sua “descoberta” e de conhecimento de “todos”: “que o Brasil é uma maravilha, que suas terras são fertilíssimas, que seu subsolo guarda tesouros imensos, que sua fauna é a mais rara do mundo”, e que “O Brasil continua uma profusão de maravilhas, um país referto de riquezas, um país fadado a causar inveja aos povos que marcham céleres para a civilização”. A ideia de país rico, exótico e pitoresco está presente no imaginário dos viajantes desde o século XVI (PIRES, 2001). Mas, Romanowski (1952) cobra “resultados práticos”, ou seja, que essas características sirvam para desenvolver o turismo no país.

O autor afirma que isso só será possível:

quando o Brasil organizar sua propaganda eficiente, capaz de demonstrar os fatos, como agora o fez o Rio Grande do Sul, dando o grito oficial nesse sentido. O ‘Conselho Estadual de Turismo’ é o primeiro em nosso país e, sem dúvida, dará o exemplo aos outros Estados da União de que o turismo é indispensável para consolidar a amizade, a cultura e a economia dos povos. (ROMANOWSKI, 1952: p.35).

⁴ Ladislau Romanowski - <https://nanu.blog.br/l-romanowski/>.

Aqui destaca, da mesma forma que Severo, o pioneirismo do Estado na criação de órgãos públicos responsáveis por organizar a atividade turística, como o SETUR e o CET.

Assim como Severo, Romanowski também se utiliza de argumentos para reforçar a necessidade de trazer o turismo para agenda pública e destacar os benefícios do turismo, principalmente econômicos.

Não podemos afirmar se os dois textos assinados foram escritos especialmente para o Guia ou se haviam sido escritos anteriormente e reproduzidos nesta publicação. Mas, pelo editorial, podemos supor que os textos são inéditos, pois “dedicados amigos” da direção da Publicitária Riograndense foram convidados a escrever artigos (PRIDA, 1952).

Dentre os textos, o guia traz duas matérias jornalísticas sem autoria declarada. Uma delas, intitulada “*Incentivo ao Turismo*” no jornal *Folha da Tarde*, de março de 1951 (p. 45), em que destaca: “O Brasil e especialmente o Rio Grande do Sul marcham a passos largos no caminho do aproveitamento das reais vantagens econômicas do turismo” (FOLHA DA TARDE apud PRIDA, 1952: p. 45).

Na reportagem aparecem novamente como atrativos turísticos do Estado, as praias, serras e estâncias termais, citadas anteriormente por Severo e destacadas no texto do guia sobre os atrativos (PRIDA, p. 18): “Muito se tem feito ultimamente em prol de melhorias das estações termais, das belíssimas praias compreendidas entre o Chuí e o Mampituba e dos aprazíveis recantos serranos” (FOLHA DA TARDE apud PRIDA, 1952: p. 45).

Ao recebermos argentinos e uruguaios, “num intercambio que não só estreitará as nossas relações de amizade e cultura como também servirá para reforçar acentuadamente as reservas do nosso tesouro” (FOLHA DA TARDE apud PRIDA, 1952: p. 45).

Uma narrativa recorrente no Guia, refere-se ao turismo da região do Prata. Goidanich (1993) descreve que, em 1920, Montevideu e Buenos Aires eram duas capitais preferenciais do povo gaúcho e o seu 'banho anual de civilização', cuja influência fazia-se sentir nos usos e costumes.

Por obra e graça dessa influência, foi que se plantou a semente do turismo no Rio Grande do Sul. Já então o Uruguai se adiantara a todos os países do Continente na exploração turística. A Suíça-americana, como era apelidada a vizinha nação, nos dava um exemplo e uma lição. Acordamos com ela e aí reside certamente a razão do pioneirismo do nosso Estado no campo do turismo em relação aos outros Estados da União. Aprendemos cedo com o Uruguai. (GOIDANICH, 1993: p. 18)

Percebemos uma uniformidade de ideias entre o discurso jornalístico, os autores

presentes no Guia de 1952 (Severo e Romanowski) e outros autores como Goidanich (1993) e Flores (1993) a respeito do exemplo, principalmente, do Uruguai para o turismo no Rio Grande do Sul.

Para Schossler (2019) um dos aspectos que contribuiu para o desenvolvimento dos balneários foi a abertura de estradas e a facilidade de acesso por meio do carro, o que diminuiu o tempo de viagem até as praias. Nesse sentido, as propagandas das empresas de transportes ofereciam aos banhistas a facilidade e o conforto para chegar rapidamente no litoral. A importância da abertura de estradas, melhorias e pavimentação das já existentes está presente em grande parte dos textos do Guia.

Schossler (2019) também evidencia a preocupação dos governantes em promover seus destinos turísticos para seus habitantes e para os visitantes dos países vizinhos. Nesse sentido, as praias ganharam destaque, sobretudo pelo fato de que o Uruguai passou a ser identificado como um país balneário. O êxito de seu lema levou, inclusive, os países vizinhos a se inspirarem na modernização e desenvolvimento de novas cidades balneárias, como aquelas planejadas e executadas no Rio Grande do Sul, a partir da década de 1940.

A segunda matéria jornalística que é transcrita no Guia intitula-se “*Turismo e Hotéis*”, do *Diário de Notícias* de março de 1951 (apud PRIDA 1952: p. 48). O texto inicia falando do veraneio no Rio Grande do Sul, que, “vem crescendo de importância nos últimos anos” e destaca que o sul-rio-grandense “até há pouco era ainda bisonho nesse hábito salutar, que noutros países se cultiva intensamente” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS apud PRIDA, 1952: p. 48), ou seja, mais uma vez compara as práticas turísticas do gaúcho com outros países, mas neste texto, não os cita como faz na maioria dos demais textos do guia. Mas, mesmo assim, percebe-se que o objetivo é ressaltar essa prática como moderna e civilizada, ou seja, um modelo a ser seguido.

O autor destaca ainda a importância de fazer algumas considerações sobre o assunto, uma vez que o veraneio de 1951 (janeiro e fevereiro) mostrou que os balneários, principalmente os atlânticos, ficaram quase sempre superlotados. Para ele, o turismo está “inquestionavelmente a reclamar soluções econômicas e administrativas” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS apud PRIDA, 1952: p. 48) e passa a ser um problema estatal.

Nesse sentido, menciona ações já vinham sendo tomadas, principalmente em relação à Torres, “a linda cidade balnear do nordeste, cujos atrativos naturais, em verdade dos mais ricos

e variados, estavam realmente a exigir uma atitude menos displicente dos poderes públicos” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS apud PRIDA, 1952: p. 48), como a construção da rodovia Osório - Torres e com as obras de urbanização (calçamento de ruas, construção de passeios, melhoria dos serviços de água e iluminação) do balneário. Mas destaca a necessidade de incluir esses melhoramentos em todos os balneários do Estado.

Uma melhoria necessária diz respeito aos hotéis nas praias marítimas, pois os que estão em funcionamento, “salvo uma ou outra exceção”, são “verdadeiramente inabitáveis” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS apud PRIDA, 1952: p. 48). Para o autor, muitos hotéis nas praias gaúchas são “pardieiros com rótulo e honras de hotéis” e considera estranhável o fato de não haver fiscalização para seu funcionamento no que se refere à higiene, salubridade e conforto, pois alguns hotéis “já deviam estar interditados”. Sugere que só se permita o funcionamento de hotéis em boas condições e que se facilite, inclusive com financiamentos, “a construção de estabelecimentos que realmente constituam fatores eficientes de propulsão do turismo no Rio Grande [do Sul]” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS apud PRIDA, 1952: p. 48).

A situação da hotelaria reportada no Guia encontra eco na descrição de Goidanich (1993: p.49) ao mencionar “empreendimentos que iriam melhorar sensivelmente o panorama turístico do Estado” são propostos e concretizados naquela década, como o Hotel Atlântida no balneário de Atlântida (inaugurado em dezembro de 1952); Xangri-lá e o Hotel Cassino Xangri-lá (inaugurado em 1956); o Parque Samuara e o Grande Hotel Samuara, em Caxias do Sul (1954); o Hotel Plaza, em Porto Alegre (inaugurado em 1958), “um hotel de primeira categoria” (GOIDANICH, 1993: p. 61); a SAPT (Sociedade dos Amigos da Praia de Torres) “construiu um hotel de primeira classe, iniciando um alto padrão da hotelaria para o principal balneário gaúcho” (GOIDANICH, 1993: p. 50); entre outros.

A situação da hotelaria reportada no Guia encontra eco na descrição de Goidanich (1993: p.49) ao mencionar “empreendimentos que iriam melhorar sensivelmente o panorama turístico do Estado” são propostos e concretizados naquela década, como o Hotel Atlântida no balneário de Atlântida (inaugurado em dezembro de 1952); Xangri-lá e o Hotel Cassino Xangri-lá (inaugurado em 1956); o Parque Samuara e o Grande Hotel Samuara, em Caxias do Sul (1954); o Hotel Plaza, em Porto Alegre (inaugurado em 1958), “um hotel de primeira categoria” (GOIDANICH, 1993: p. 61); a SAPT (Sociedade dos Amigos da Praia de Torres) “construiu um hotel de primeira classe, iniciando um alto padrão da hotelaria para o principal balneário

gaúcho” (GOIDANICH, 1993: p. 50); entre outros.

As Estâncias Termais destacadas são Ijuí e Iraí e as cidades de turismo são Bagé, Bento Gonçalves, Cachoeira do Sul, Canela, Caxias do Sul, Cruz Alta, Jaguarão, Livramento, Novo Hamburgo, Pelotas, Porto Alegre, Passo Fundo, Rio Grande, Santo Ângelo, São Borja, São Francisco de Paula, São Leopoldo, Santa Maria e Uruguaiana. Embora não se tenha identificado o que teriam tais cidades para serem consideradas ‘de turismo’.

Após citar cada um dos atrativos, é destacado o transporte utilizado para chegar ao atrativo - ônibus urbano para as praias do Guaíba; as estradas de rodagem para as praias marítimas; “ótimo serviço de ônibus que rodam por esplêndidas estradas de rodagem” para se chegar às regiões de montanha; as estâncias termais que podem ser atingidas por rodovia, ferrovia e aerovia (sic).

Percebemos que no texto o turismo no Rio Grande do Sul está dividido em praias, estâncias termais, montanha e cidades de turismo e é ressaltado o transporte a ser utilizado para se chegar ao atrativo, o que vai ao encontro dos demais textos que destacam o rodoviarismo.

Os textos do Guia analisados demonstram vários aspectos comuns entre si, como mostrar a situação do turismo, da hotelaria e dos atrativos turísticos do Estado, enaltecer a oficialização do turismo e sua importância para o desenvolvimento da atividade.

4. Considerações Finais

Reafirmamos a compreensão do Guia Rodoviário do Rio Grande do Sul de 1952 como um documento/monumento que traz um testemunho dos arranjos sociais que presidiram sua construção. A produção de um documento desse gênero é um empreendimento coletivo, que exige considerável investimento na coleta e sistematização das informações. O que parcialmente é subsidiado pelos anunciantes, em parte é recuperado a partir da venda da publicação. No entanto, mais do que o aspecto comercial - em que pese seu referido sucesso - destaca-se aqui o desejo do grupo em promover o turismo na agenda pública e difundir a prática entre seu público leitor.

À diferença de guias produzidos por casas especializadas e que são parte de uma série cobrindo diferentes destinos a publicação analisada é uma produção local e tem uma vida breve. Seu formato se aproxima aos almanaques, que se caracterizam por agregar conteúdos variados com objetivo de informar e entreter. O Guia de 1952 apresenta uma compilação de textos de

diferentes gêneros - textos jornalísticos, editoriais, guia de serviços, mapas, anúncios, resenhas encaminhadas por municípios - e autores - como escritores, economistas e engenheiros, principalmente do DAER. Embora o guia traga vários discursos, esses têm como foco comum mostrar a situação atual do Estado e enaltecer os feitos e futuro promissor relacionado ao turismo.

De certa forma, o guia reforça a cultura rodoviarista como condicionante para muitas das práticas turísticas vigentes. Parece que o guia também contribui para difundir a construção e manutenção de estradas, além do uso do automóvel para diversas finalidades, inclusive para o nascente turismo.

Muitas vezes no Guia de 1952 os textos reportam a experiência de turismo do Uruguai e da Argentina. O Uruguai, conhecido durante um período do século XX como “a Suíça americana”, se adiantará a todos os países do Continente na exploração turística e o Rio Grande do Sul aprendeu com o país vizinho.

Ao trazer inúmeros textos para compor o guia, alguns deles aqui discutidos, os editores fazem um esforço para convencer e persuadir, sobre a necessidade de organização da atividade turística e os benefícios do turismo, principalmente os órgãos públicos.

Percebemos uma constante nos textos analisados no que se refere à responsabilização do estado para o incremento do turismo no RS. O guia parece ser uma forma encontrada de cobrar atitudes para a melhoria e o desenvolvimento do turismo no estado.

Conforme a narrativa do guia, a ideia de turismo está muito relacionada à civilidade, o guia compara inúmeras vezes o Brasil a países do “primeiro mundo”, considerados civilizados. Aliás, cabe ressaltar que esses ideais de civilidade aparecem claramente no guia, inclusive com dicas de etiqueta.

No Rio Grande do Sul o desenvolvimento da atividade turística parece que ocorria de forma simultânea com o incremento da infraestrutura de transportes, sobretudo a rodoviária. Isso reflete o modo como o turismo se constituiu a partir do impulso do investimento público, pois investimentos privados como hotéis vinham subsequentemente. Embora fique marcado também o papel das associações civis como o Touring Club, em difundir a prática e criar um grupo de assistência aos viajantes.

Sublinhamos que esta análise é uma possibilidade e que o guia analisado apresenta uma riqueza que permite outras leituras e enquadramentos metodológicos, constituindo em

fonte ainda a ser trabalhada para melhor compreensão da história do turismo no Rio Grande do Sul.

Referências

ACCORSI, A. C. *Estado e grupos econômicos. A política de expansão rodoviária no Brasil a partir de 1930*. 1996. Dissertação (Mestrado em Administração) – EAESP, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 1996.

Á ÉPOCA, 18.03.1951, p. 8. Caxias do Sul (Automobilismo e Aviação).

Á ÉPOCA, 15.05.1952, p. 7. Caxias do Sul (Automobilismo e Aviação).

ANTONESCU, A.; STOCK, M. *Une méthodologie pour reconstruire la mondialisation du tourisme. Mondes du Tourisme*, v. 9, p. 2-18, 2014. Disponível em: [Link](#). 124 Acesso em 25 mai. 2023.

BOYER, M. *História do Turismo de Massa*. (Tradução de Viviane Ribeiro). Bauru: EDUSC, 2003.

CASTRO, C. Narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro. In: VELHO, G. *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

DE PAULA, D. A. Trilhos e estradas. *Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 142-156, jul/dez 2010.

DEPARTAMENTO AUTÔNOMO DE ESTRADAS DE RODAGEM (DAER). Histórico. Disponível em: [Link](#). Acesso em 20.05.2023.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 06.07.1958, p. 16. Porto Alegre.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 15.04.1958, p. 15. Porto Alegre.

FLORES, H. A. H. *Turismo no Rio Grande do Sul: 50 anos de pioneirismo no Brasil*. Porto Alegre: Edipucrs, 1993.

FRANKLIN, A. Tourism as an ordering: towards a new ontology of tourism. *Tourist Studies*, 4, 2004.

GOIDANICH, O. A Saga do Turismo no Rio Grande do Sul. In: FLORES, H. A. H. *Turismo no Rio Grande do Sul: 50 anos de pioneirismo no Brasil*. Porto Alegre: Edipucrs, 1993.

PRIDA. GUIA de Turismo Rodoviário do Rio Grande do Sul. Publicitária Rio-Grandense LTDA: Porto Alegre, 1952.

HALLAL, D. R. *O Curso de Turismo da PUCRS: a trajetória dos seus 38 anos de existência – do Bacharelado (1972) ao Tecnólogo (2010)*. 2010. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, Porto Alegre, 2010.

HOHLFELDT, A.; VALLES, R. R. *Dois pioneiros da comunicação no Rio Grande do Sul*: Oswaldo Goidanich, Roberto Eduardo Xavier. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. Disponível em: [Link](#). Acesso em 20.08.2020.

LE GOFF, J. Documento/Monumento. In: ROMANO, Ruggiero (org.). *Enciclopédia Einaudi*. (Vol. 1 Memória-História). Porto: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1984.

LIMA, P. G. *Memórias do feminino através dos reclames dos Almanachs de Pelotas (1913-1935)*. 2015. Tese (Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

LÖFGREN, O. *Storie delle vacanze*. Milano: Bruno Mondadori, 2006.

MAINGUENAU, D. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2011. O PIONEIRO, 17.05.1952, p. 8. Caxias do Sul.

PIRES, M. J. *Raízes do Turismo no Brasil*. São Paulo: Manole, 2001.

ROMANOWSKI, L. O Grito Oficial de Turismo. In: GUIA de Turismo Rodoviário do Rio Grande do Sul. Publicitária Rio-Grandense LTDA: Porto Alegre, 1952.

SCHOSSLER, J. C. Aspectos da vida balneária nas revistas A Gaivota e Turismo en el Uruguay, 1930-1950. *Antíteses*, [S. l.], v. 12, n. 23, p. 306-336, 2019. Disponível em: [Link](#). Acesso em 15.05.2023.

SEVERO, A. O Turismo no Brasil e as Reflexões de Marcel Proust. In: GUIA de Turismo Rodoviário do Rio Grande do Sul. Publicitária Rio-Grandense LTDA: Porto Alegre, 1952.

SILVA, V.; ALLIS, T. A construção do olhar do turista: uma análise iconográfica a partir da revista A Estrada de Rodagem (1922-1923). *PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review*, São Paulo, v. 10, n. 3, p. 84-113, set/dez 2021., 84-113. Disponível em: [Link](#). Acesso em 15.05.2023.

URRY, J. *O Olhar do Turista*. São Paulo: SENAC, 2001.

VALDUGA, V. *Raízes do turismo no território do vinho: Bento Gonçalves e Garibaldi – 1870 a 1960 (RS/Brasil)*. 2011. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

Sobre os autores:

Maurício Ragagnin Pimentel: Professor de Turismo na Universidade Federal de Pelotas. Doutor e Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Em 2016 realizou um período de estudos junto a Equipe Interdisciplinaire de Recherches sur le Tourisme, na Universidade Paris I - Pantheon Sorbonne, França. Atuou como servidor na Secretaria Municipal de Turismo de Porto Alegre (2009-2014).

Dalila Hallal: Mestre em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul (2004), Mestre em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Pelotas (1996) e Doutora em História pela

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2010). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal de Pelotas.

Dalila Müller: Doutora em História pela UNISINOS (2010), Mestre em Turismo pela UCS (2004), especialização em Gestão Empresarial pela FGV e graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pelotas (2000). Professora associada da Universidade Federal de Pelotas, trabalhando no Programa de Pós-Graduação em História e no Curso de Bacharelado em Turismo.

Artigo recebido para publicação em: 26 de maio de 2023.

Artigo aprovado para publicação em: 29 de agosto de 2023.

Como citar:

HALLAL, Dalila Rosa; MULLER, Dalila; PIMENTEL, Mauricio Ragagnin. Guia de turismo rodoviário do Rio Grande do Sul – 1952: uma janela para compreensão do turismo no estado. *Revista Transversos*. Dossiê Por uma História do Turismo: Atividade e fenômeno turístico em perspectiva histórica. Rio de Janeiro, n°. 28, 2023. pp. 201-222. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/76497>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2023.76497

